

Dom e Perdão

Do catálogo da Editorial AO:

O Regresso do Filho Pródigo (8ª ed.)

Henri Nouwen

A Vitalidade da Bênção (2ª ed.)

Elmar Salmann

Jesus Vulnerável

Jean Vanier

Farmácia Espiritual – *Para todos os casos*

Anselm Grün

Celebrar e Praticar a Misericórdia (3ª ed.)

Manuel Morujão, s.j.

Deus Não Se Cansa – *A misericórdia como forma eclesial*

Stella Morra

Compreender, Celebrar e Viver a Reconciliação e o Perdão

Dionisio Borobio

Enzo Bianchi

Dom e Perdão

Por uma ética da compaixão



EDITORIAL A.O.

Título original

Dono e perdono

– *Per un'etica della compassione*

© 2014 Enzo Bianchi

Giulio Einaudi editore

ISBN – 978-88-06-22278-9

Tradução

Mário José Galvão de Almeida

Capa

Francisca Cardoso Girão

Paginação

Editorial A. O.

Impressão e Acabamentos

Sersilito, Empresa Gráfica, Lda.

Depósito Legal nº

466167/20

ISBN

978-972-39-0886-2

Janeiro de 2020

Com todas as licenças necessárias

©

**SECRETARIADO NACIONAL
DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO**

Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA | Tel.: 253 689 443

www.redemundialdeoracaodopapa.pt | livros@snao.pt

A Michelina Borsari

O DOM

*O dom não é suficiente
se não estiver presente também o doador.*

Martinho Lutero

Introdução

O tema do dom é um dos temas mais presentes no grande estaleiro da investigação e da reflexão contemporâneas: as teorias acerca do «dom» são certamente muitas e mesmo diversas. Marcel Mauss, com o seu *Essai sur le don*, teve um papel decisivo na elaboração das teorias acerca do dom, mas depois dele muitos outros, sobretudo os filósofos franceses, indagaram e procuraram compreender, discernir e interpretar o *homo donator*, o homem capaz de

doar, o homem que se faz dom: de Georges Bataille, Émile Benveniste e Jacques Derrida até Jacques T. Godbout. É deste último, por exemplo, uma imagem muito sugestiva:

Há uma espécie de lei social que faz com que aquilo que não circula morra, como sucede com o lago de Tiberíades ou o Mar Morto. Formados a partir do mesmo rio, o Jordão, um está vivo e o outro morto, porque o primeiro dá água a outros rios, enquanto o segundo guarda-a toda para si.

Medita-se e investiga-se acerca do «dom», mas colocam-se também muitas perguntas acerca da presença do dom hoje: numa sociedade dominada pelo mercado, assinalada por um acentuado individualismo, com os traços do narcisismo, egoísmo, *philautía*¹ e egolatria que a caracterizam, há ainda lugar para a arte da doação? É ainda possível a doação, para lá do âmbito dos laços afetivos e do clima de uma festa? Mas há uma outra

¹ Amor-próprio [N. T.].

questão, em meu entender decisiva: na educação, na transmissão às novas gerações da sabedoria acumulada há atenção ao dom e à ação de doar como ato autêntico de humanização? Há consciência de que o dom é a possibilidade de lançar o isco às relações recíprocas entre seres humanos, qualquer que seja depois o resultado?

A partir de uma leitura sumária e superficial, pode concluir-se que hoje já não há lugar para o dom, mas apenas para o mercado, a troca utilitarista; até podemos dizer que o dom é apenas um modo de simular gratuidade e desinteresse onde reina, pelo contrário, a lei da utilidade. Numa época de abundância e opulência, pode também praticar-se o ato do dom para comprar o outro, neutralizá-lo e retirar-lhe a sua plena liberdade. Pode inclusivamente usar-se o dom — pensemos nas «intervenções humanitárias» — para mascarar o mal que age numa realidade de guerra. Esta ambiguidade que pesa sobre a doação e pode perverter o seu significado não é nova; já na antiguidade se dizia: *Timeo Danaos et dona ferentes*: «Temo os gregos mesmo quando trazem dons» (Virgílio, *Eneida* II, 49).

Mas há também uma forte banalização do dom, que é diminuído e desfigurado ainda que se lhe chame «caridade»: hoje, com uma SMS, «dá-se» uma migalha àqueles que os meios de comunicação nos apresentam como sujeitos – longínquos! – em relação aos quais vale a pena experimentar emoções.

Estamos conscientes dos riscos e das possíveis perversões do dom: o dom pode ser recusado com atitudes de violência ou de indiferença distraída; o dom pode ser recebido sem despertar gratidão; o dom pode ser desperdiçado: a doação é, de facto, uma ação que requer o assumir de um risco. Mas o dom pode também ser pervertido, pode tornar-se um instrumento de pressão que incide sobre o destinatário, pode transformar-se num instrumento de controlo, pode encadear a liberdade do outro em vez de a suscitar. Os cristãos sabem como, ao longo da história, até o dom de Deus, a graça, pôde, e pode ainda, ser apresentado como uma conquista do ser humano, o novo Prometeu, ou como uma ação de um Deus perverso, cruel, que incute medo e infunde sentimentos de culpa.

A nossa situação, hoje, é, por conseguinte, desesperada? Não! A doação, tal como o amar e o confiar, é uma arte que sempre foi difícil: o ser humano é capaz de tal porque é capaz da relação com o outro, mas continua a ser verdade que este «doar-se a si mesmo» – pois disto se trata, não só de dar o que se tem, o que se possui, mas de dar aquilo que se é – requer uma convicção profunda no relacionamento com o outro. Quem é o outro? Ou é o inferno – como escrevia incisivamente Jean-Paul Sartre – ou é um dom que reconheço dando-me a mim mesmo ao outro! O que pode ser a sociedade, a *polis*? Uma *communitas*, um pôr em comum os dons (*cum-munus*), ou o não reconhecimento, a rejeição do outro através de uma *immunitas*, um encerramento absoluto, como bem analisou Roberto Esposito nos seus estudos. A doação feita ao outro, aos outros, não é somente uma forma de reconhecimento comunitário e social, mas é o modo necessário para entrar na aliança da *communitas*.

Na consciência dos seres humanos, nas estruturas de humanização não há apenas a paixão pelo útil, mas há também a procura do

elo, da relação que sabe gerar a generosidade, o amor, a aliança. O comportamento individual parece ser, com frequência, ditado apenas pela pulsão *philautica*, egoísta, que busca unicamente o próprio interesse; no entanto, sempre se conhecerá o excesso do dom, pois o ser humano é sempre capaz de operar o bem, sentindo a própria insuficiência e buscando o outro para uma plenitude de vida que ele não possui em si. Por isso, apesar de as tendências dominantes contradizerem por vezes a lógica da doação, persiste o evento do dom.

1. A arte da doação: dar e receber

Doar significa por definição entregar um bem nas mãos de um outro sem receber nada em troca. Bastam estas poucas palavras para distinguir o «doar» do «dar»: no dar há uma venda, troca ou empréstimo; no doar há um sujeito, o doador, que, na liberdade e por generosidade, sem constrangimento, faz, por amor, um dom ao outro, independentemente da resposta que dele receberá. Pode acontecer

ÍNDICE

O dom

Introdução	9
1. A arte da doação: dar e receber	14
2. Dom e proximidade	18
3. Dom e gratuidade	24
4. Dom e justiça	29
Conclusão	34

O perdão

Introdução	37
1. O perdão e o mal	43
2. O árduo caminho do perdão	46
<i>A tentação da vingança</i>	47
<i>Conhecer-se a si mesmo para se transformar a si mesmo</i>	50
<i>Compreender o ofensor</i>	52
<i>Manifestar o perdão</i>	54
3. Como viver o perdão enquanto cristãos	57
4. Perdão e justiça	62
Conclusão	69

Dom e perdão

A compaixão

Introdução	71
1. A compaixão de Deus no Antigo Testamento	79
2. A compaixão de Deus narrada por Jesus Cristo e própria do cristão	85
3. A compaixão, forma do encontro com o outro, resposta humana ao mal	95
Conclusão	105
<i>Para aprofundar</i>	107
<i>Índice</i>	109